

MULHERES E INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS EM FORTALEZA: CAMINHOS COM O GRAFFITI E A PIXAÇÃO

Jandira Miguel Dala¹
Doneta Francisco Antonio²
Jo A-Mi³

RESUMO

Este projeto tem por objetivo realizar pesquisa em artes com o intuito de conhecer as narrativas de si presentes na trajetória e nas obras de mulheres em intervenção urbana na cidade de Fortaleza. O recorte, aqui designado, colheu vivências artísticas narradas por mulheres, em espaços públicos, a partir de intervenções que tiveram na palavra-texto o centro de investigação. A partir de experiências de pesquisa construídas desde 2015, com Arte Urbana e Gênero, tem-se constatado que os processos de intervenção artística urbana (por meio do graffiti, pixações, performances, audiovisuais, fotografias, dentre outros) tornaram-se elementos decisivos para se problematizar a relação de mulheres (cisgênero e transgênero) com o espaço público em interseccionalidades com discussões pertinentes à raça, etnia, gênero, classe social. Portanto, com o intuito de aprofundar os estudos na área de Arte Urbana (campo fértil das artes contemporâneas), pretende-se, aqui, apresentar inscrições atravessadas por vieses poéticos, identitários, ético-políticos, estéticos de expressão artística urbana - demarcados por inferências com spray, tintas, estênceis, lambe-lambes, pixações, carimbos e materiais afins - como meios de atravessamentos crítico-sociais da arte. A metodologia desse estudo se constituiu de pesquisa biográfico-narrativa que teve na Observação participante e nas Entrevistas Narrativas suportes metodológicos de base, utilizando-se, ainda, do diário de bordo e da fotografia como dispositivos de pesquisa.

Palavras-chave: Mulheres Arte Urbana Narrativas .

UNILAB, ILL, Discente, jandiradala05@aluno.unilab.edu.br¹
UNILAB, ICESA, Discente, donetafrancisco95@gmail.com²
UNILAB, IH, Docente, joami@unilab.edu.br³



INTRODUÇÃO

Estudando sobre expressões de Arte Urbana em Fortaleza, deparamo-nos com uma questão que se tornou importante para pensar alguns rumos que vinham se apresentando como espaço de discussão acadêmica: a participação de mulheres (cisgênero e transgênero) nas ações artísticas urbanas. Esta questão levou-nos a propor, nos últimos anos (2016, 2017, 2018, 2019), pesquisas que tentassem discutir a participação de mulheres artistas urbanas na cena. Para tal, passamos a frequentar espaços de ação urbana no Ceará (especialmente, Mais que Rosa, Semana do Grafite de Fortaleza, Festival Concreto, CumbuCOR etc.), redes sociais na internet e ações de projetos culturais para tentar compreender a dinâmica de construção das intervenções artísticas de mulheres nas ruas. Percebemos, por exemplo, que a quase totalidade de mulheres que frequentam essas redes de eventos/projetos em arte urbana no Ceará (e muitas residem em Fortaleza) trazem muito de suas experiências de vida para as ações impetradas nas ruas (com temáticas sobre violência doméstica, empoderamento feminino, usos do corpo, orientação sexual etc., que parecem acompanhar suas histórias de vida).

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfico-narrativa e a observação participante deram-se por meio de fichamentos críticos, reuniões de orientação e no Grupo de pesquisa Ateliê - onde debatemos os textos teóricos; produção do diário de bordo - que nos proporcionou registrar os dados do campo de pesquisa, bem como experimentar “escritas de si” (ao realizarmos um exercício de escrita autoral sobre os nossos processos de aprendizagem como pesquisadoras) - e entrevistas narrativas. A pesquisa de campo foi realizada em espaços físicos (ao acompanharmos o evento Mais que rosa, por exemplo) e espaços virtuais (através de agendas semanais de atividades das artistas registradas em redes sociais como instagram e whatsapp, principalmente).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do projeto foram produzidos vídeos, fotos, fichamentos críticos, cadernos de artista, intervenções artísticas, oficinas realizadas dentro da universidade (UNILAB) e na cidade de Fortaleza. Durante todo o percurso, produzimos agendas semanais onde mapeamos as redes sociais de artistas de Fortaleza (uma das formas de estar no campo de pesquisa, também). Com o enfrentamento da pandemia covid 19 passamos a realizar atividades de acompanhamento das ações das artistas em caráter estritamente virtual do mês de março até o atual momento - exceção dada ao evento Mais que rosa (realizado em fevereiro/2021). A produção bibliográfica foi subsidiada por fichamentos críticos de textos teóricos, e também de pesquisas de novos materiais encontrados ao longo do processo. Os principais aportes teóricos foram: a) Interseccionalidade (2019), de Carla Akotirene (2019), coordenado pela Djamila Ribeiro, que tem por ênfase pensar o conceito de interseccionalidade nos feminismos plurais. O livro começa falando de feminismos plurais de modo a trazer ao leitor ou leitora a compreensão ou ligação que os dois assuntos têm. Temos como temas de destaque também racismo estrutural, branquitude, lesbiandades, mulheres indígenas e caribenhas, transexualidade, afetividade, interseccionalidade, empoderamento, masculinidades. Assim, com o estudo deste livro pudemos entender que a palavra interseccionalidade envolve o feminismos, vivências, representatividades; b) PiXação: arte e pedagogia como crime (2009), dissertação de mestrado de Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira, com a qual o pesquisador se propõe em pesquisar a galera do Xarpi e a pensar seu papel como pesquisador: “o papel de pesquisador não dá garantias de proteção e muito menos legítima ou



inibe seus impactos, uma vez que, como disse, não me interesse pela divisão em lados distintos, mas pela completude do acontecimento vida. É preciso entendê-la em sua eterna co-produção e, a partir daí, viver atento no limite entre o observar e o agir, entre o falar e o ouvir, mapeando cada novo movimento, quais as motivações e o que ele pode ter motivado” (OLIVEIRA, 2009, p.22). Do mesmo modo, nós, pesquisadoras em arte urbana compreendemos a dinâmica singular a que estamos envolvidas por meio da pesquisa em curso. “Tendo em vista o caráter contraditório entre a fragilidade e a inquietude da condição juvenil, somando-se a isso sua força sedutora tanto como produto a ser cooptado quanto na (re) produção de fetiches, entendo [entendemos] a juventude e seu jogo ininterruptamente identitário como uma ebulição estética que, ao pulsar, produz intensificada ainda por seu aspecto metropolitano e, indo além, cosmopolita, um manancial de sentidos super férteis para a aventura intelectual a que me [nos] proponho [propomos]” (OLIVEIRA, 2009, p.57); c) Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online (2014), de Robert Kozinets: obra bastante instigante para a pesquisa realizada no campo virtual. O livro, cujo objetivo “é permitir que o pesquisador aborde um projeto etnográfico, focado em qualquer tipo de comunidade e cultura online, plenamente informado sobre o que precisará ser feito” (KOZINETTS, 2014, p.12), ajudou-nos a compreender melhor metodologias de pesquisas online, dando-nos, ainda, subsídios para a produção das agendas semanais. d) “A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade (2013), de Margareth Rago, ajudou-nos a compreender processos da grafia de trajetórias de mulheres que reverberaram em nossas vivências enquanto pesquisadoras, fazendo-nos resgatar memórias, perceber “conflitos, frustrações e vitórias, utilizando essa escrita como ferramenta política, inspiradas pelas lutas feministas (...)” (Rago, 2013, p.16); e) o ensaio intitulado Apoesia contemporânea (2012), de Alberto Pucheu: aqui discute-se o conceito de “Apoesia”; o A como negação: seria uma não poesia? Aqui o autor traz discussões concernentes aos riscos que a poesia contemporânea vem assumindo de transitar por várias outras linguagens artísticas e discursos (PUCHEU, 2012).

A construção das agendas semanais foi parte da pesquisa de campo virtual feita a partir de redes sociais e sites especializados – tornando-se uma variante bastante acentuada no último ano devido à pandemia da COVID-19, que, inevitavelmente interferiu na produção artística das mulheres, que passaram a construir muitas de suas obras virtualmente.

Outro elemento importante no processo de pesquisa encontramos nas entrevistas que realizamos com artistas pixadoras. Devido à pandemia da COVID-19, realizamos todas as entrevistas de forma on-line. As entrevistas com as artistas pixadoras nos ajudaram a desconstruir a relação direta, propagada por mass media, principalmente, entre pixação e vandalismo. De outro modo, encontramos na pixação uma ação territorial de mulheres que inscrevem nas ruas seus direitos de existência, suas formas de contestação contra o status quo que tenta demarcá-las.

CONCLUSÕES

Ao longo dos dois últimos anos pudemos aprofundar nosso conhecimento sobre arte urbana – incluindo-se, aqui, também, a relação graffiti-pixação protagonizada por mulheres. Campo da arte contemporânea cada vez mais profícuo, a arte urbana produzida por mulheres tem se ampliado nas ruas da cidade de Fortaleza – não só no que concerne à ocupação de espaços dessa cidade, como também pelo livre uso de suportes (muros, postes, calçadas, viadutos etc.) e materiais (tinta acrílica, tinta spray, caneta, adesivo, estêncil dentre outros).

Por fim, a pesquisa em curso tem nos sido de grande relevância, pois enquanto pesquisadoras em processo nos cursos de graduação, da Unilab, pudemos ampliar nossos olhares sobre o fazer- pesquisa em artes como



um contínuo criativo em nossas formações.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as artistas urbanas do Ceará que ao longo dos anos têm nos ensinado muito sobre Arte. Também somos gratas ao incentivo do PIBIC/CNPq e a toda a equipe da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, da Unilab.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019.
- BERTH, Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte-MG: Editora Letramento, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. 2ª ed. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 2002.
- GITAHY, Celso. O que é graffiti. São Paulo: editora brasiliense, 1999.
- KOZINETTS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Editora penso, 2014.
- OLIVEIRA, Gustavo Rebelo Coelho de. PiXação: arte e pedagogia como crime. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009 (dissertação de mestrado).
- PUCHEU, Alberto. Roberto Corrêa dos Santos. A poesia contemporânea, In: A poesia contemporânea: efeitos do contemporâneo. Rio de Janeiro: editora Azougue, 2012. pp.251-322.
- RAGO, Luzia Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. São Paulo: UNICAMP, 2013.

